

O estudo do léxico na *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924), de Manuel Said Ali

Emanuela Rodrigues de Oliveira*

<https://orcid.org/0000-0002-1465-0835>

Herbertt Neves**

<https://orcid.org/0000-0002-4454-2755>

Resumo: Este artigo analisa a abordagem do léxico na *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924), de Manuel Said Ali. Para isso, trazemos a gramatização (AUROUX, 2014) de língua portuguesa no Brasil para a discussão, e o estudo do léxico (ANTUNES, 2012; VILLALVA; SILVESTRE, 2014) em gramáticas. Assim, analisamos como os fenômenos lexicais estão presentes na *Grammatica secundaria* (1924), verificando os impactos que o clima de opinião teve na descrição do conhecimento lexical. Como resultados, percebemos grande influência de nomes importantes da linguística e traços da corrente histórico-comparativa advinda do século XIX.

Palavras-chave: Gramatização. Gramaticografia brasileira. Descrição lexical.

The study of the lexicon in *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924), by Manuel Said Ali

Abstract: This article analyzes the approach of the lexicon in *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924), by Manuel Said Ali. For this, we bring grammatization (AUROUX, 2014), the grammatization of the Portuguese language in Brazil to the discussion, and the study of the lexicon (ANTUNES, 2012; VILLALVA; SILVESTRE, 2014) in grammars. So, we analyze how lexical phenomena are present in *Grammatica secundaria* (1924), verifying the impacts that the climate of opinion had on the description of lexical knowledge. As results, we noticed a great influence of important names in linguistics, and traces of the historical-comparative current from the 19th century.

Key-words: Grammatization. Brazilian grammar. Lexical description.

El estudio del léxico en la *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924), de Manuel Said Ali

* Universidade Federal de Campina Grande. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFPG). E-mail: emanuelarodriguesu@gmail.com.

** Universidade Federal de Campina Grande. Doutor em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); professor de língua portuguesa e linguística da Universidade Federal de Campina Grande (UFPG) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: herbertt.neves@ufpe.br.



Resumen: Este artículo analiza el enfoque del léxico en la *Grammatica secundaria da lingua portuguesa* (1924), de Manuel Said Ali. Para ello, traemos la gramatización (AUROUX, 2014), la gramaticalización de la lengua portuguesa en Brasil para la discusión, y el estudio del léxico (ANTUNES, 2012; VILLALVA; SILVESTRE, 2014) en las gramáticas. Así, analizamos cómo los fenómenos lexicales están presentes en la *Grammatica secundaria* (1924), verificando los impactos que el clima de opinión tuvo en la descripción del conocimiento lexical. Como resultados, percibimos una gran influencia de nombres importantes de la lingüística y rasgos de la corriente histórico-comparativa del siglo XIX.

Palabras-clave: Gramaticalización. Gramaticografía brasileña. Descripción lexical.

1 Introdução

Segundo Auroux (2014), a gramatização pode ser entendida como um processo de transferência cultural entre povos que consiste na descrição e instrumentalização de uma língua com base na gramática e no dicionário, duas tecnologias que sustentam o saber metalingüístico. Desse modo, ele explica que a elaboração de gramáticas ao longo da história criou uma *tecnologia intelectual* cuja força e importância transcendem o próprio campo de estudos da linguagem.

Já conforme Aquino (2016), a gramatização é um processo de instrumentalização das línguas que altera os espaços de comunicação, permitindo uma maior estabilidade lingüística. Isso ocorre, ainda segundo o autor, porque seus produtos – a gramática, o dicionário e outras fontes sobre a língua – “ampliam e alteram a capacidade lingüística dos falantes, construindo normas e referências, quer dizer, uma imagem de língua, de unidade lingüística” (AQUINO, 2016, p. 39). Por esse motivo, apresenta implicações para a descrição do léxico de uma dada língua, razão por que este trabalho apresenta uma análise da descrição lexical em uma gramática brasileira.

Sabe-se que as primeiras gramáticas surgiram a partir do século III a.C., com os trabalhos dos gramáticos e filólogos da Alexandria antiga. A *Tékhne Grammatikē*, de Dionísio Trácio (século I a.C.), é considerada a primeira gramática de uma língua ocidental, o grego clássico. Em se tratando da língua portuguesa, os primeiros séculos de sua gramaticografia contam com importantes contribuições advindas da *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536), e da *Grammatica da lingua portuguesa*, de João de Barros (1540), por exemplo, seguidas por outras relevantes publicações, que chegam aos dias atuais.

Segundo Azeredo (2018), a gramática – enquanto sistema – provê o enunciado e cada uma das partes das especificações categoriais necessárias tanto à verbalização da experiência interpretada quanto à função interacional e comunicativa pertinente. Para ele, a gramática não é uma armadura que enrijece a frase, mas um sistema de meios que torna possíveis tanto a elaboração quanto a troca de significados em uma língua. O mesmo autor relembra que também usamos o termo *gramática* para designar a descrição técnica desse conhecimento e afirma que, “nessa acepção, a gramática é um conjunto de conceitos e de afirmações sobre o funcionamento das línguas” (AZEREDO, 2018, p. 136), sendo o conceito-chave da análise gramatical a *palavra*, o que sinaliza a interligação entre os sistemas gramatical e lexical de um idioma em seu funcionamento.

Ao analisar a tradição dos estudos lexicais no Brasil, podemos observar que as pesquisas desenvolvidas sobre o léxico são realizadas predominantemente sobre seu aspecto morfológico, seja quanto ao estudo da estrutura e formação de palavras, seja quanto às mudanças ocorridas no sistema lexical da língua com o passar do tempo, seja quanto aos significados estabelecidos, a partir de uma perspectiva estruturalista de investigação. Isso implica que, quando se trabalha o sistema lexical de uma língua, tende-se a priorizar a estrutura desse sistema, tratando a palavra fora do quadro da interação verbal (NEVES, 2020) e muitas vezes dissecando-a em unidades menores de análise. Em alguns casos, é explorado o significado das palavras quanto ao aspecto semântico e formal, utilizando-se da palavra desconectada de situações reais de uso da língua.

Portanto, devido à escassez de pesquisas que analisam como o léxico é abordado em gramáticas da língua portuguesa, identificamos a necessidade de estudar, sob a luz da Historiografia da Linguística (HL), a elaboração de instrumentos gramaticais antigos, avaliando como o estudo do léxico esteve presente nas gramáticas brasileiras. Para isso, neste artigo, observamos, no âmbito descritivo e interpretativo, como as orientações teóricas gerais da produção gramatical do século XIX e XX repercutem no tratamento dado ao sistema lexical da língua pela *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924), de Manuel Said Ali, assim como quais orientações estão presentes na abordagem do léxico na referida gramática.

Organizamos, portanto, este artigo, além desta introdução e das considerações finais, em mais 3 seções. No tópico destinado aos fundamentos teórico-metodológicos, refletimos brevemente sobre o processo de gramatização e sobre as gramáticas como instrumentos de descrição linguística, assim como nos centramos nas reflexões sobre o estudo do léxico em gramáticas brasileiras e, por fim, quanto aos aspectos metodológicos utilizados neste artigo.

No tópico destinado aos procedimentos analíticos, discorreremos primeiramente sobre o autor da obra – Manuel Said Ali Ida –, para depois explicarmos como a *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924) foi organizada e, enfim, analisarmos os fenômenos lexicais encontrados na descrição empreendida pelo autor. Por fim, tecemos nossas considerações finais sobre o que foi encontrado na gramática quanto à abordagem do léxico, com comentários a respeito da influência do clima de opinião sobre os dados.

2 Aspectos teórico-metodológicos

Sylvain Auroux, em *A revolução tecnológica da gramatização* (2014), compreende globalmente o desenvolvimento das ideias linguísticas europeias em um período que vai do século V até o fim do século XIX. Assim, dentro desses 13 séculos, podemos vislumbrar o que o autor denomina, em visão ocidentocêntrica, de *gramatização massiva* das línguas do mundo a partir da tradição grego-latina (AUROUX, 2014, p. 35). Para o autor, essa gramatização constitui – depois do advento da escrita no terceiro milênio antes da nossa era – a *segunda revolução técnico-linguística*, que só terminará no século XX. É a partir dessa revolução que uma rede homogênea de comunicação centrada inicialmente na Europa é criada.

Durante a *segunda revolução técnico-linguística*, a gramática torna-se “simultaneamente uma técnica pedagógica de aprendizagem das línguas e um meio de descrevê-las” (AUROUX, 2014, p. 36). É somente no século XVI que uma marginalização epistemológica se inicia, fazendo da etimologia um dos raros domínios do saber

linguístico antigo que não serão integrados às ciências modernas da linguagem. O autor, assim, concebe “gramática de uma língua L algo como o que fez Panini para o sânscrito; Dionísio de Trácio e Apolônio para o grego; Varrão, Donato e Prisciano, para o latim, e Sibawayhi e seus sucessores, para o árabe” (AUROUX, 2014, p. 66).

No entanto, diferentemente do que acontece com a sintaxe, por exemplo, o estudo do léxico não teve um espaço explicitamente definido nessas gramáticas, apresentando fluidez quanto à distribuição ao longo dos compêndios, tendo sua representação nas descrições da língua de acordo com o autor da obra. Se analisarmos a gramaticografia de língua portuguesa produzida no Brasil do século XIX até a publicação da *Grammatica portugueza*, de Julio Ribeiro (1881), as gramáticas não dedicam um único espaço específico para o estudo do léxico. É somente, então, a partir do final do século, mais precisamente com essa publicação, que o estudo do léxico tem uma breve estabilidade de posição. Isso porque Ribeiro (1881) divide a sua gramática em duas partes – lexeologia e sintaxe, iniciando um período da gramaticografia brasileira no qual ter a *lexeologia* como uma das partes da gramática foi comum. Sobre isso, Cavaliere (2000) afirma que

A lexeologia é, certamente, no projeto de descrição gramatical proposto por Ribeiro, o núcleo de onde reverberam todos os campos de investigação linguística. Isso porque é efetivamente a palavra que sintetiza o foco das atenções, seja como elemento monolítico isolado, seja enquanto conjunto de segmentos morfológicos, seja como item da organização frasal. A sintaxe, destarte, embora constitua a segunda parte da descrição gramatical, na prática não vai além de um grande tentáculo da lexeologia (CAVALIERE, 2000, p. 53-54).

A partir desse pensamento de que a *palavra* é o núcleo da investigação linguística, havia, nesses compêndios, uma concentração do estudo do léxico em uma só parte da gramática. Isso perdurou até o início do século XX, e, logo após, a *lexeologia* foi desmembrada em outras partes, como fonética, fonologia e morfologia. Instaurada a fluidez de posição do estudo do léxico, desaparece, de certo modo, junto com a lexeologia como parte dos compêndios gramaticais, o interesse no estudo do sistema lexical na área da gramaticografia.

Quanto ao estudo do léxico empreendido em gramáticas/compêndios gramaticais, Antunes (2012) aponta que, junto à gramática (morfofossintaxe) e à fonologia, o léxico se constitui como um grande componente da língua. Em conformidade com essa ideia, Villalva e Silvestre (2014, p. 28) apontam que, “enquanto parte da gramática, o léxico pode ser visto como um lugar onde reside toda a informação que não é derivável, todas as propriedades idiossincráticas das línguas”. Ainda sobre o que o estudo do léxico representa nas gramáticas, Villalva e Silvestre (2014, p. 28) postulam que:

É nesse papel que o léxico se distingue da sintaxe, da semântica e da fonologia, módulos que se encarregam da mecânica e da interpretação dos enunciados frásicos, formados a partir da matéria-prima lexical, mas também se distingue da morfologia, a quem cabe a estruturação das palavras, igualmente formadas a partir de matéria-prima lexical. Mais do que um mero repositório de unidades lexicais, o léxico lembra um entreposto de bens essenciais, nesse caso, as palavras a quem também compete garantir a boa comunicação entre as restantes partes da gramática (a morfologia, a sintaxe, a semântica, a fonologia).

A partir dessa separação proposta pelos autores, compreendemos que o léxico tem valor dúbio: ao mesmo tempo em que está presente em toda a gramática, se distingue das partes que a compõem. Além disso, a descrição do léxico empreendida por gramáticas deve poder refletir propriedades de cada manifestação linguística particular, embora nenhuma manifestação particular possa determinar propriedades gerais dessa representação do léxico.

Podemos, também, delimitar um pouco mais a definição de léxico, para entender melhor como ele aparece descrito nos compêndios gramaticais, indo além da percepção de uma lista de palavras à disposição dos falantes e de um repertório de unidades. O léxico é, conforme observa Antunes (2007, p. 42), “um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo”, transpassado pela história de uma língua, expressando a função da língua como elemento que confere aos seus falantes uma identidade.

Villalva e Silvestre (2014, p. 20-23), no entanto, conceituam o léxico como “um repositório das unidades lexicais de uma língua, [...] uma entidade abstrata que se obtém por acumulação”. Compreendemos, nessa definição, uma mudança de termos

significativa – já não temos mais *palavras*, por exemplo, mas *unidades lexicais*, um termo específico da área da lexicologia –, além da existência da noção de “entidade abstrata”.

Os autores, mais adiante, pontuam o léxico como “um sistema complexo e portador de um sofisticado modo de funcionamento” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 28). Logo, acrescentam um alerta sobre a necessidade de compreender o léxico enquanto um sistema – assim como se compreende o sistema gramatical, por exemplo. Defendemos, portanto, o léxico como um macronível de análise linguística, ao lado do macronível gramatical. Desse modo, é importante compreender como o estudo léxico esteve presente nas gramáticas – instrumento linguístico – e como foi empreendida a sua descrição, associando tal estudo aos níveis de análise já presentes na descrição gramatical.

Nesse direcionamento, o presente artigo tem como objetivo analisar como o estudo do léxico foi empreendido em uma das mais importantes gramáticas do século XX, a *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924), de Manuel Said Ali. A escolha dessa gramática não se deu arbitrariamente: por se tratar de uma obra publicada no século XX, momento em que a lexeologia se diluía nos compêndios gramaticais, e dada a importância da obra para a gramaticografia de língua portuguesa no Brasil a partir da consequente importância que o autor teve para os estudos da linguagem, optamos por analisá-la detalhadamente quanto ao tratamento dado ao léxico.

Escolhida a gramática, selecionamos dela todos os trechos em que havia descrição de fenômenos relativos ao sistema lexical do português, conforme os listados em Antunes (2012) e Neves (2020). Em termos de classificação da pesquisa, ela está imersa no paradigma interpretativo (MOREIRA; CALEFFE, 2008), é uma pesquisa documental (SEVERINO, 2007), com abordagem qualitativa (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Pela própria inserção da pesquisa na HL, que tem o traço da interpretação de dados históricos como ponto principal, avaliamos o trabalho desenvolvido neste artigo como imerso no paradigma interpretativo, uma vez que, segundo Moreira e Caleffe (2008), para o pesquisador interpretativo, o propósito da pesquisa é descrever e interpretar um fenômeno na tentativa de compartilhar os significados apreendidos pela sociedade, compreendendo a interpretação como uma busca de perspectivas seguras em acontecimentos particulares. Neste artigo, estamos em busca da interpretação de como

o estudo do léxico foi empreendido na *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924), de Manuel Said Ali, importante gramática de referência do século XX.

Já por fazermos análise de uma fonte documental autêntica – a referida gramática de Said Ali, de 1924 –, a pesquisa desenvolvida neste artigo se caracteriza como *documental*. Em pesquisas documentais, os conteúdos dos textos são matéria-prima a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise (SEVERINO, 2007), como é o caso dos fenômenos lexicais descritos na gramática de Said Ali, interpretados e analisados neste artigo. Essa interpretação, isto é, a nossa análise dos dados, considerará uma abordagem *qualitativa*, ao passo que focaliza as particularidades de modo a compreender as nuances expressadas nas unidades de sentido construídas (LAVILLE; DIONNE, 1999).

A seleção dos enunciados sobre o léxico analisados neste artigo se deu a partir de uma ampla análise sobre o sistema lexical descrito na *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924), subdividindo os fenômenos lexicais referentes à descrição feita pelo autor quanto ao som, à organização, à formação e ao sentido das palavras. Tal análise se ancora nos pressupostos metodológicos da HL, fazendo com que a leitura e a interpretação dos conhecimentos linguísticos empreendidos pela fonte sejam atravessadas pela influência do clima de opinião no qual se insere a obra.

Para realizar, portanto, nossa análise, faremos uma breve introdução sobre o autor Manuel Said Ali, para depois adentrarmos em sua gramática e nos fenômenos lexicais descritos na obra.

3 A *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924), de Manuel Said Ali

3.1 O filólogo e gramático Said Ali

Manuel Said Ali nasceu em Petrópolis, em 21 de outubro de 1861, e faleceu no Rio de Janeiro, em 27 de maio de 1953. Saiu de sua cidade natal aos 14 anos, com destino ao Rio, e de lá continuou seus estudos. Trabalhou na livraria alemã de Laemmert & Cia.,

onde teve o seu primeiro contato com os livros, além de conhecer inúmeros intelectuais que lá frequentavam e publicavam à época.

Foi professor de alemão na Escola Militar, do Ginásio Nacional (Pedro II), e trabalhou em vários outros colégios do Rio de Janeiro, ministrando aulas de disciplinas como Geografia, Alemão, Francês e Inglês. No âmbito da geografia, publicou o *Compêndio de Geografia Elementar* (1905), buscando acompanhar o progresso que a disciplina vinha ganhando na Europa.

Ademais, são características explícitas de Said Ali refletidas em suas obras uma inteligência ímpar e um empenho exemplar. Não apenas se dedicando ao ensino de línguas, era amante da música e da pintura, sendo igualmente bom em ambos os ofícios. Como afirma Bechara (1962, p. 4), o “mestre Said Ali se agiganta aos nossos olhos como exemplo de patriota e valente batalhador intelectual, missões que sabemos tão difíceis”, explicando posteriormente a razão do uso de tais adjetivos, pois, a partir de 1887, aproximadamente, até pouco antes de falecer, em 1953, foi extensa a lista de trabalhos e pesquisas desenvolvidas por Said Ali.

Mesmo se dedicando ao ensino de línguas estrangeiras e à geografia, dizia (cf. BECHARA, 1962) que se dedicava aos estudos de português por ver que muitas regras contidas nas gramáticas não se confirmavam em suas leituras de bons autores e no uso geral da época, ou seja, esse distanciamento entre a prescrição e o uso da língua o inquietou e o fez pesquisar mais a língua portuguesa. Entre os trabalhos publicados por Said Ali, inclusive, há um dedicado exclusivamente à lexeologia, mas que, por ora, não será objeto de nossa análise neste artigo. Focaremos nossa atenção, como já fora dito, no estudo do léxico empreendido pelo autor na sua *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924).

3.2 A *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1924)

A herança que Said Ali deixa para os estudos de língua portuguesa é, sem dúvidas, razão suficiente para incluí-lo entre os nomes mais importantes tanto dos estudos

filológicos quanto da gramaticografia brasileira. A publicação de sua *Grammatica secundaria* apresenta resquícios do clima de opinião do século XIX e do início do século XX, perpetuando o purismo e o lugar do conhecimento normativo sobre as línguas e a linguagem.

Já no Prólogo de sua *Grammatica secundaria*, o autor apresenta o objetivo de seu compêndio: expor as doutrinas e regras gramaticais relativas à nossa língua, atendendo às necessidades e conveniências do ensino secundário. Portanto, a gramática de Said Ali se propõe a ser um instrumento a ser consultado pelo aluno do ensino secundário para aprender as regras gramaticais da língua portuguesa. Logo em seguida, Said Ali (1924) reafirma o compromisso com o seu leitor, corroborando com o que já fora dito: “E’ dever de todo o autor de grammatica aplanar tanto quanto possivel a estrada ao estudante e ajudal-o a vencer as dificuldades technicas proprias do idioma, e não crear-lhe novos embaraços colocando no caminho pedras de tropeço” (SAID ALI, 1924, p. 3).

Assim exposto, o autor é claro quanto à posição tomada em sua gramática, ao dizer que geralmente evita uma terminologia abstrusa e inútil, e associa, “menos do que se costuma, os factos da lingua que falamos a phenomenos correlatos do idioma latino” (SAID ALI, 1924, p. 3). Esse fato pode ser constatado mais adiante, quando o autor afirma que os estudantes que adentram ao ensino secundário não têm conhecimento do latim. Outro apontamento que Said Ali (1924) faz em seu prólogo é em relação ao grego. Ele explica que, apesar de esse idioma não ser mais ensinado nas escolas à época, decidiu incluir, no compêndio, uma lista de prefixos e radicais dessa língua no capítulo de *formação de palavras*. A justificativa de tal feito, no entanto, é apenas a de que seja uma lista unicamente para consulta.

Na seção intitulada “Grammatica e sua divisão”, comum em compêndios desse período da gramaticografia de língua portuguesa, Said Ali (1924) conceitua gramática como “o conjunto de regras, observadas em um ou mais idiomas, relativas aos sons ou phonemas, ás formas dos vocabulos e á combinação destes em proposições” (SAID ALI, 1924, p. 5). Essa definição inova ao trazer a ideia de regras relacionadas aos sons e à forma das palavras, fato que geralmente era resumido no estudo de *palavras isoladas* – na *lexeologia* –, em contrapartida ao estudo das *palavras combinadas* – na *sintaxe*.

Segundo o autor, a gramática de uma língua pode ser *histórica* ou *descritiva*. A gramática histórica, para ele, é a que estuda a evolução dos diversos fatos da língua desde a sua origem até o presente; já a descritiva, a que expõe os fatos da língua atual. Certamente, a gramática que Said Ali (1924) pretende empreender com a *Grammatica secundária* é uma gramática descritiva, uma vez que são descritos fatos atuais – à época – da língua. Ademais, o autor explicita que uma gramática descritiva pode ser *prática* quando tem o objetivo de ensinar a falar e escrever corretamente, mas também pode ser *científica* se busca esclarecer os fatos linguísticos à luz da ciência da linguagem e/ou da gramática histórica. Quanto a isso, acreditamos que a *Grammatica secundaria* pretende atender à finalidade científica.

É importante lembrar que tal definição de gramática já era comum no processo de gramatização brasileira do português desde a segunda metade do século XIX, ultrapassando a ideia de que gramática, conforme Jerônimo Soares Barbosa, é “a arte de fallar e escrever correctamente a própria língua” (BARBOSA, 1822, p. 11), exemplo claro do cumprimento da tradição clássica greco-romana. No entanto, a partir de Julio Ribeiro (1881), a gramática começa a apresentar definições mais científicas, como “a exposição metódica dos fatos da língua” (RIBEIRO, 1881, p. 1), se distanciando de um conjunto de regras para “falar e escrever bem” e se colocando numa posição de descrever e expor os fatos da língua.

Segundo Guimarães (2022), a especificidade da *Grammatica secundaria* não se cerca na produção de uma gramática científica ou descritiva, mas na produção de um novo lugar no domínio da gramática no Brasil, formulando explicitamente um lugar para a gramática prática (normativa) ao lado da gramática descritiva na história da gramática no Brasil. Desse modo, Said Ali (1924), de certa maneira, inaugura um período da gramaticografia brasileira em que o gramático tinha sua própria forma de fazer gramática, sem necessariamente seguir todas prescrições impostas por seus antecessores.

Sobre a divisão da *Grammatica secundaria*, o autor afirma que ela está dividida em “phonetica” ou “phonologia”, ao focar no estudo dos sons; “lexeologia”, com o estudo dos vocábulos; e, por fim, “syntaxe”, com o estudo das orações e das palavras consideradas como partes da oração. Mais especificamente sobre a *phonetica*, o

gramático enfatiza que ela examina os sons e suas mudanças de acordo com a pronúncia, sendo os sons representados na escrita por meio das letras através da ortografia. Além disso, o autor faz uma observação afirmando que,

Segundo alguns grammaticos, não se deve identificar o sentido dos termos *phonetica* e *phonologia*, cabendo á *phonetica* considerar os sons em si, e á *phonologia* o estudo dos sons e suas alterações dentro do idioma. Tal distinção não se torna bastante clara na applicação pratica (SAID ALI, 1924, p. 6).

Tal observação feita por Said Ali sobre *phonetica* e *phonologia* traz uma discussão importante sobre a gramaticografia da época, que apenas considerava a *phonologia* como o estudo dos sons, dentro da *lexeologia*, como fez Eduardo Carlos Pereira, por exemplo, em sua *Grammatica expositiva* (1907). Além disso, conforme Bechara (1962, p. 25), a fonética “nunca foi o forte de Said Ali nem a ela se entregou com mais carinho senão aquele necessário para compreendê-la e ter dela os conhecimentos indispensáveis ao seu labor de lingüista”. Isso pode explicar uma falta de consistência no tratamento de alguns fenômenos ligados ao som das palavras.

Sobre a apresentação da parte dedicada à *lexeologia* na *Grammatica secundaria* de Said Ali, o autor enfatiza que, em seu compêndio, a *lexeologia* não examina os vocábulos um por um como o dicionário, mas divide-os em um pequeno número de grupos ou categorias, registrando os fatos comuns e constantes, assim como os fatos variáveis e excepcionais da língua. Desse modo, podemos depreender que Said Ali (1924) compreende *lexeologia* como o que, na atualidade, se entende como *morfologia*, abrangendo as classes de palavras, as partes do vocábulo e os processos de formação de palavras.

Sobre a morfologia, mais especificamente, o autor afirma, em uma observação, que,

Em virtude da atenção dada aos elementos formativos, preferem alguns applicar a esta parte da grammatica o nome de **morphologia** (do grego *morphos*, forma, e *logos*, tratado, sciencia), porém a denominação serve melhor á grammatica latina ou grega, em que há mais riqueza de flexões. (SAID ALI, 1924, p. 6).

Assim, ao dizer que a morfologia se adequa melhor para línguas como o latim e o grego, compreendemos que Said Ali difere, por exemplo, da *Grammatica expositiva* de Pereira (1907), que considera a morfologia como parte da lexeologia.

Por fim, no que tange às considerações iniciais da *Grammatica secundaria*, Said Ali (1924) parece não querer adotar uma postura precisa quanto à divisão de sua gramática ao dizer que “ha comtudo varios factos grammaticaes cuja classificação é litigiosa, reinando duvidas entre as maiores summidades da linguistica sobre se devem vir compreendidos no estudo dos vocabulos ou lexeologia, ou se devem fazer parte da syntaxe” (SAID ALI, 1924, p. 7). De fato, já no sumário podemos identificar partes como a da *acentuação* inserida dentro do capítulo de fonética, o que não era comum à época, assim como a própria situação de os capítulos serem mal delimitados, confundindo o leitor e fazendo-o pensar que a referida gramática tem cinco capítulos (“fonética”, “orthographia”, “lexeologia”, “formação das palavras” e “syntaxe e estilística”).

3.3 O estudo do léxico na *Grammatica secundaria*

Segundo Hackerott (2011), Said Ali acreditava que a língua é ao mesmo tempo individual, por ser expressão da inteligência humana, e social, por representar a cultura do povo que a fala, além de acreditar que a língua se manifesta pelos vocábulo através de dois aspectos a serem observados: a forma e o significado. Esse modo de pensar fora bastante influenciado pelos estudos de Saussure, e podemos atribuir muitas de suas concepções dentro da ciência da linguagem aos postulados saussurianos. Especificamente quanto ao estudo do léxico, Said Ali (1895a) afirma que:

Na sciencia da linguagem todas as vezes que queremos dirigir a nossa atenção para uma palavra qualquer, temos duas cousas bem distinctas a considerar: 1º um som ou agrupamento de sons; 2º a ideia ou significação da palavra. É como si dissessemos: os vocabulos são como seres vivos: possuem uma parte material ou corpo, e uma parte vital, que se póde chamar o espírito ou alma. Uma e outra cousa estão sujeitas a transformações, mas as alterações que em virtude de certas leis physiologicas soffre o corpo do vocabulo, quer seja d’uma época para outra, quer seja d’uma para outra região, podem ser, e o são quase sempre,

absolutamente independentes das alterações que por efeito das leis de ordem psicológicas sofre nas mesmas condições de mudança de tempo e de espaço a alma da palavra (SAID ALI, 1895a, p. 43-44).

A partir dessa constatação, compreendemos como Said Ali enxerga a palavra e o seu estudo, passo importante para entendermos como ele estuda o léxico em suas obras, mais especificamente na gramática analisada neste artigo. Em linhas gerais, ao analisarmos a *Grammatica secundaria*, de Manuel Said Ali, com foco nos fenômenos lexicais descritos pelo autor, observamos uma série de ocorrências espalhadas pela obra que podemos denominar de estudo do léxico da língua portuguesa. No entanto, como já fora exposto, o autor concentra o que ele considera como *lexeologia* no que hoje se denomina, nos compêndios gramaticais, de *morfologia*, valendo-se do estudo das classes de palavras.

Iniciamos nossa análise, entretanto, pelas partes anteriores ao capítulo de lexeologia, que se concentram em expor os fatos fonéticos da língua. Após apresentar ao leitor que os sons da linguagem são denominados de *phonemas*, o autor discorre sobre a relação entre fonemas e letras do alfabeto, o fato de duas letras representarem um único fonema, os tipos de fonemas (sonoros, insonoros, surdos, fracos, fortes, orais e nasais), bem como sobre as vogais e as consoantes, e a quantidade da vogal, ou seja, se sua pronúncia é breve ou longa. Posteriormente, ao tratar da *syllaba*, Said Ali (1924, p. 15) a conceitua como “um som ou um grupo de sons emitidos com uma só expiração”, além de concluir que a vogal é o centro da sílaba, podendo, sozinha, compor uma.

Dividindo os vocábulos a partir do número de sílabas e apresentando ditongos e tritongos, o autor não traz nada de novo para a época em que a gramática fora publicada, nem para o que encontramos em gramáticas contemporâneas. No entanto, ao fazer considerações sobre *acentuação*, parte seguinte que compõe o capítulo de fonética, Said Ali (1924) traz elementos que destoam de como compreendemos tal componente da língua em gramáticas da atualidade.

Para Said Ali (1924, p. 19), a acentuação “é o modo de fazer sobressahir um som entre muitos”, e existem dois tipos de acento: o de intensidade, também chamado de “accento dinamico, accento tonico ou simplesmente accento ou icto”, o qual distingue uma sílaba das outras, empregando, na pronúncia de tal sílaba, uma corrente expiratória

mais forte; e o acento musical, também denominado pelo autor de acento de altura, distinguindo a sílaba e elevando a voz, empregando uma nota mais aguda.

Acredita-se que, para definir a acentuação e segregá-la nesses dois tipos, Said Ali tenha se baseado em referenciais teóricos advindos da Europa, como explica em um dos artigos publicados em 1985, da série “Estudos de linguística”:

Para o estudo da accentuação nenhum grammatico nosso aproveitou alguma cousa do copiosissimo material de merecimento scientifico destes ultimos cinco ou dez annos, material esse que se encontra na monumental obra de Sievers, a qual serviu de introducção ao estudo da phonologia das linguas indo-européas; no capitulo sobre accentuação da grammatica comparada de Bruggmann; nos trabalhos magistraes de Sweet, de Storm, de Passy, de Victor Henry e muitissimos outros. É sobre estas obras que assenta o presente estudo na sua parte geral. As observações que apresento relativamente á accentuação na nossa lingua referem-se sómente á linguagem natural, áquella que habitualmente empregamos quando transmitimos os nossos pensamentos (SAID ALI, 1895b, p. 165-166).

Desse modo, compreendemos de onde podem vir os fatos linguísticos descritos na *Grammatica secundaria* quanto à acentuação. Para Said Ali (1924), os dois fenômenos são devidos a uma maior amplitude das ondas sonoras e a um maior número de vibrações. No entanto, apesar de reduzir a acentuação a esses dois tipos de acento, o autor afirma que “deviam-se reservar sómente para o accento musical as denominações ‘accento tonico’ e ‘tonalidade’”, mesmo que estivesse enraizado nos usos gramaticais aplicar esses nomes ao acento de intensidade também.

O autor delimita que é com o acento de intensidade que se pronunciam as sílabas dominantes no falar corrente, e do acento musical se serve na interrogação, na exclamação e na linguagem emocional. O que podemos compreender, a partir das afirmações de Said Ali (1924), é que ele aborda o acento de intensidade e o acento musical da forma como hoje entendemos o uso do acento em sílabas tônicas, acrescentando ao acento musical a ideia de entonação na fala.

Quanto ao que o autor chama de acento fonético, ele julga ser difícil figurá-lo bem, uma vez que os sinais criados para este fim são atribuídos à ortografia para denotar as vogais fechadas e abertas. Ademais, Said Ali (1924) reproduz o que ainda hoje compreendemos como sílaba forte, fraca e átona, além de descrever o que são palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, sem maiores mudanças. No entanto, o autor

aborda mais detidamente cada tipo de acento apenas na parte dedicada à ortografia, mais adiante.

Ainda dentro da *Phonetica*, Said Ali (1924) dedica um espaço considerável para o que ele denomina de “alterações fonéticas”. Nessa parte de sua *Grammatica secundaria*, a qual o autor denomina de “mudanças que ocasionalmente sofrem os fonemas em certas palavras ou combinações de palavras” (p. 21), Said Ali (1924) faz uma interferência histórica para explicar as mudanças ocorridas em vocábulos específicos da língua portuguesa:

Devem-se essas mudanças á necessidade sentida, quer presentemente quer em outros tempos, de facilitar a pronuncia. Das que originaram no passado, muitas se continuam a manter pela tradição, pela lei da inercia. Outras novas do mesmo genero se introduzem na linguagem pela lei da analogia. [...] Verificaram-se estes varios phenomenos sobretudo ao transformar-se o latim vulgar em lingua romanicas. Da maior parte delles só podemos hoje ter idéa comparando o portuguez com o latim ou as diversas linguas romanicas com o latim (SAID ALI, 1924, p. 21).

Esse artifício utilizado pelo autor, podemos atribuir à corrente da linguística histórico-comparativa, herança do século XIX, embora Said Ali não se aprofunde nesta gramática, talvez pelo público a que se destina, ou possivelmente por já ter pretendido tratar sobre a temática apenas em sua gramática histórica. Na *Grammatica secundaria*, como podemos ver, o autor apenas faz menção à evolução das línguas mencionadas ao português que se conhecia naquele momento. Há, também, neste e em algumas outras passagens ao longo da gramática, o intuito de atualizar o leitor quanto às pronúncias mais aceitas e àquelas que entraram em desuso. Tais alterações fonéticas, segundo Said Ali (1924), consistiam em acréscimo ou supressão de fonemas, trocas de lugar, permuta de sons, (des)nasalização, sonorização de fonemas surdos, ditongação, palatização, labialização, entre outros fenômenos aos quais qualquer língua está sujeita no decurso do tempo.

No quadro a seguir, expomos as alterações listadas por Said Ali (1924):

Quadro 1 – Alterações fonéticas descritas na *Grammatica secundaria* (1924)

Alteração fonética	Tipos/descrição	Exemplos
Accrescentamento	Prothese: acrescenta no principio das palavras; Epenthese: insere phonema no interior da palavra; Paragoge: ajunta phonema no fim do vocabulo.	Prothese: <i>alevantar</i> por <i>levantar</i> ; Epenthese: <i>adevogado</i> por <i>advogado</i> ; Paragoge: <i>bond</i> por <i>bonde</i> .
Supressão	Apherese: elimina no principio da palavra; Syncope: suprime no interior do vocabulo; Apocope: suprime no fim das palavras.	Apherese: <i>inda</i> por <i>ainda</i> , <i>té</i> por <i>até</i> ; Syncope: <i>cuidoso</i> por <i>cuidadoso</i> ; Apocope: <i>mui</i> por <i>muito</i> , <i>grã</i> por <i>grão</i> .
Metathese	O facto de dous ou mais phonemas trocarem de lugar.	<i>Capitaina</i> ou <i>capitanea</i> ; <i>esfaimado</i> por <i>esfameado</i> , forma antiga de <i>esfomeado</i> .
Substituição	Troca de um phonema por outro.	<i>Frauta</i> a par de <i>flauta</i> ; <i>frecha</i> a par de <i>flecha</i> .
Crase	Fusão de duas vogaes medias em vogal aberta.	<i>Ir á cidade</i> por <i>ir a a cidade</i> .
Alternancia vocalica (metaphonia)	Emprego de vogal tonica ora fechada, ora aberta, determinada pelas vogaes o, a, e da syllaba seguinte.	<i>Porto</i> , <i>porta</i> , <i>bolo</i> , <i>boto</i> , <i>bola</i> , <i>bota</i> .
Assimilação	Igualar dous sons, geralmente vizinhos, quer modelando o primeiro pelo segundo, e neste caso a assimilação será regressiva, quer conformando o segundo com o primeiro, dando-se então a assimilação progressiva.	Assimilação regressiva: <i>il-letrado</i> por <i>in-letrado</i> , <i>il-licito</i> por <i>in-licito</i> . Assimilação progressiva: (sem exemplos).
Queda consecutiva á assimilação total	Quando uma consoante se torna perfeitamente igual a outra contigua, obtem-se uma consoante geminada, isto é, uma consoante unica articulada com mais demora. Esta pronuncia primitiva não subsiste mais em portuguez. O resultado final é a queda de uma consoante. A geminada antiga soa como consoante simples.	<i>Il-legal</i> por <i>i-legal</i> ; <i>il-letrado</i> por <i>i-letrado</i> .
Dissimilação	Phenomeno contrario da assimilação.	<i>Menistro</i> por <i>ministro</i> ; <i>vezinho</i> por <i>vizinho</i> .

Fonte: Elaborado a partir de Said Ali (1924, p. 21-24).

Durante a exposição das alterações fonéticas feita por Said Ali (1924), podemos encontrar alguns trechos que reforçam a prática da época de comparar o português dito “culto” com o não considerado “culto”, como é o caso do comentário feito pelo autor ao falar sobre a *prothese*:

certas palavras com *a* prothetico que se observam no falar lusitano são próprias da gente inculta, como *arreceber*, etc. Em outros vocabulos provêm o *a* do artigo arabe que se juntou a nome igualmente de origem arabe: *arrecife* (de *ar-recif* em vez de *al-recif*), etc (SAID ALI, 1924, p. 21).

A influência de línguas estrangeiras na descrição do português, empreendida por Said Ali (1924) em sua gramática, também figura na explanação da alteração fonética denominada *paragoge*, quando o autor afirma que “palavras estrangeiras terminadas em certas consoantes são incompatíveis com os nossos hábitos de pronúncia. Introduzidas em nosso idioma, soam geralmente com o acréscimo de *e*” (p. 22). Podemos atribuir essa interrelação com outras línguas ao fato de que Manuel Said Ali era, além de gramático e profundo estudante da língua portuguesa, professor de geografia, o que lhe dava uma apreensão maior das línguas faladas para além de territórios lusófonos.

Na parte dedicada ao que Said Ali (1924) chama de lexeologia, há, como já explicitamos anteriormente, o estudo das classes de palavras. Embora não seja o foco deste artigo dar atenção a cada classe de palavra descrita na *Grammatica secundaria*, vale destacar que Said Ali, na segunda década do século XX, já compreendia como classe de palavras as dez classes consagradas pela NGB, em 1959. Ademais, o autor não difere dos gramáticos à época ao cumprir o trajeto: definição + lista de exemplos, na exposição de cada tipo de classe de palavras.

Já no capítulo dedicado à “formação das palavras”, dividido em “derivação”, “composição” e “formações híbridas”, o autor segue a linha de apresentar a definição do fenômeno seguida de lista de exemplos, movimento descritivo comum à época, podendo haver alguma relação histórica em forma de *observação*, ou mesmo uma inter-relação com algum linguista da época que por ventura tenha servido ao autor como inspiração para a descrição em sua gramática.

Para Said Ali (1924), a derivação é o processo pelo qual palavras são formadas a partir de outras, podendo estas adquirirem, ou não, um novo sentido. Desse modo, para o autor, as palavras formadas são chamadas de *derivadas*, e as que delas procedem são chamadas de *derivantes* ou *primitivas*. Se os elementos formativos estiverem no fim do vocábulo derivante, são chamados de *suffixos*, e o processo de formação é chamado de *derivação suffixal*. A palavra *derivante*, utilizada por Said Ali (1924) nesse momento como sinônima de *primitiva*, é atípica para a época (e também para o tempo presente), sendo creditada ao autor tal inovação terminológica.

Já se o elemento formativo estiver localizado antes da palavra derivante, dá-se o nome de *prefixo* e o processo de *derivação prefixal*. Para esta informação, Said Ali (1924, p. 151) faz a seguinte observação: “esta divisão em derivação suffixal e prefixal está de acordo com a maneira de ver de modernos linguistas, como Meyer-Lübke, Nyrop e outros”, em que o autor deixa claro ao seu leitor em quem se inspirou para tal descrição. Tais nomes listados pelo autor tiveram, de fato, prestígio à época, sendo o primeiro, Wilhelm Meyer-Lübke, um filólogo suíço da escola de Neogramática que executou diversos estudos comparativos, além de lecionar em universidades renomadas no final do século XIX e início do século XX. Já o segundo foi um importante estudioso da língua francesa, tendo como obra mais renomada a *Gramática histórica da Língua Francesa*, em 6 volumes.

Para exemplificar os tipos de prefixos e sufixos, Said Ali (1924) monta listas conforme a função de cada elemento formativo em questão, deixando claro que os prefixos são, na maioria das vezes, preposições e advérbios, ou seja, vocábulos independentes e combináveis, mas que podem formar substantivos, adjetivos, verbos, etc. Ao citar partículas como *circum*, *supra* e *pre*, por exemplo, afirma que não têm existência própria na língua portuguesa por serem advindas do latim, apenas servindo como elementos formativos.

O autor ainda define outro tipo de derivação, a *derivação parasynthetic*, como a criação de vocábulos com o auxílio simultâneo de prefixo e sufixo, afirmando que esse caso de derivação serve em português principalmente para a criação de verbos. Ao dar exemplos, divide em *parasyntheticos verbaes com base substantiva* (ajoelhar, abençoar, avistar, anoitecer, apregoar, enraizar, ensaboar, etc.) e *parasyntheticos verbaes com base*

adjectiva (empobrecer, enriquecer, avivar, entortar, endireitar, esfriar, etc.), conforme a classe de palavra que serve como base para gerar o verbo em questão. É importante que o leitor, seja ele consulente ou pesquisador, tenha noção desse tipo de derivação para que compreenda, ainda mais, o processo de formação das palavras em língua portuguesa.

Por fim, Said Ali (1924) define um último tipo de derivação, a *derivação regressiva*, que consiste na criação de vocábulos subtraindo algum sufixo, como o verbo *pescar* e o substantivo *pesca*, no qual a vogal “a” é apenas uma desinência que indica o feminino. No entanto, o autor alerta para o fato de que os derivados regressivos produzem a ilusão de serem vocábulos derivantes, finalizando com mais listas de exemplos de substantivos derivados de verbos. Um elemento notável dessas listas é a ideia impregnada de que substantivos masculinos terminam em “o” ou “e”, enquanto os femininos terminam em “a”. Esse ideário se perpetua até os dias atuais, principalmente entre os estrangeiros que se propõem a estudar a língua portuguesa, embora haja uma recente e crescente discussão do que se entende por gênero gramatical dentro de alguns estudos linguísticos contemporâneos.

No espaço dedicado aos fenômenos da *composição*, o autor a conceitua como o processo de formar palavras a partir da combinação de vocábulos. Logo após o conceito, faz mais uma “observação” se referindo a outros estudos já empreendidos dentro dos estudos da linguagem: “Segundo a theoria de Darmesteter, dá-se a composição quando os termos se juntam, tendo havido ellipse ou suppressão de phonemas; a juxtaoposição, pelo contrario, consistiria na soldura mais ou menos intima de elementos reunidos sem ellipse” (SAID ALI, 1924, p. 164). No entanto, tais tipos mencionados na “observação” não são contemplados na descrição de Said Ali (1924).

Para o autor, os vocábulos que constituem a palavra composta podem ser dois substantivos, combinados diretamente ou por meio de preposição; dois adjetivos; adjetivo combinado com substantivo; pronome adjunto ou numeral combinado com substantivos; advérbios ou preposições unidos a um nome ou a um verbo; ou a junção de um verbo com substantivo e outro verbo. Para ilustrar ao leitor cada uma dessas possibilidades, Said Ali (1924) se vale mais uma vez de listas de exemplos. Com acréscimo, o autor também lista uma série de prefixos e radicais gregos, bem como a exposição breve de *formações híbridas*, evidenciando a forte influência que a língua

grega (e românica) tem sobre a língua portuguesa, a qual podemos constatar até hoje em diversas palavras que fazem parte do nosso vocabulário.

Ainda, é importante destacar que não foi identificada descrição do léxico quanto ao sentido das palavras na *Grammatica secundaria da lingua portugueza*, de Said Ali (1924). Podemos atribuir essa falta à influência do clima de opinião da época, que pode ter feito com que o autor não julgasse relevante trazer em seu compêndio descrições referentes ao sentido das palavras, cercando-se apenas de questões referentes à estrutura da língua, como na maioria das gramáticas do período.

4 Considerações finais

A partir da análise da *Grammatica secundaria da lingua portugueza*, de Said Ali (1924), conseguimos entender como o estudo do léxico foi empreendido no compêndio, bem como o quanto a atmosfera intelectual do período influenciou o gramático ao traçar a sua linha de descrição linguística. Isso porque o fazer gramatical é uma atividade totalmente inserida na sociedade em que a gramática é publicada, isto é, voltado para o público que irá consumi-la. Mesmo filiadas ao paradigma tradicional de gramatização (VIEIRA, 2018) e seguindo o modelo greco-latino, o clima de opinião dita algumas particularidades das gramáticas, funcionando a percepção do autor como uma trena que mede o que fica e o que sai da tradição milenar de gramatização.

Ademais, também podemos concluir que Said Ali (1924) teve forte influência de outros linguistas de sua época, fato perceptível em *observações* feitas ao longo do compêndio, informando ao leitor de onde vinha tal aceção sobre a língua, agregado à influência da corrente histórico-comparativa, herdada do século XIX. Além disso, podemos constatar que, apesar de ter uma parte em sua gramática denominada “lexeologia”, ela não compreende todo o estudo do léxico como fez Pereira (1907) ou mesmo Ribeiro (1881), mas sim o que, mais tarde, se denominaria como *morfologia*, contemplando as classes de palavras.

Outro ponto importante na obra de Said Ali (1924) que merece destaque é a forma com que o autor descreve os fatos da língua, fazendo relações com outras línguas, principalmente com o grego, fruto de seu entendimento como professor de geografia. Há, também, a prática de considerar um falar mais culto do que outro, comum à época, assim como longas listas para exemplificar os fatos linguísticos descritos ao longo do compêndio. Além disso, por compreendermos que a gramática servia para o ensino secundário, entendemos que a linguagem do autor deveria ser simples, como realmente encontramos em toda a *Grammatica secundaria*.

Por fim, quanto ao estudo do léxico empreendido na *Grammatica secundaria da lingua portuguesa*, de Said Ali (1924), consideramos que há uma importante descrição lexical promovida na obra, a partir dos fenômenos lexicais analisados neste artigo. Isso coloca o estudo do léxico em destaque, ao lado dos estudos sintáticos, por exemplo. Julgamos, enfim, que a gramática analisada é importante para a história da gramaticografia brasileira por apresentar características de transição quanto ao estudo do léxico empreendido nas gramáticas brasileiras do século XX, o que, como dissemos, foi perdendo espaço no decorrer do tempo.

Referências

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

ANTUNES, I. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

AQUINO, J. E. **Júlio Ribeiro na história das ideias linguísticas no Brasil**. Campinas: Pontes, 2016.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss de língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2018.

BECHARA, E. M. **Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa**. Tese de concurso uma cátedra de Língua e Literatura do instituto de Educação do Estado da Guanabara. Rio de Janeiro, 1962. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/textos/bechara1962-a.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.

CAVALIERE, R. **Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.

GUIMARÃES, E. Said Ali: em torno de um acontecimento e de um percurso. **Líng. e Instrum. Linguíst.**, Campinas, v. 25, n. 49, p. 168-182, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8670121/29512>. Acesso em: 14 jun. 2023.

HACKEROTT, M. M. S. Said Ali e a acentuação: primórdios da Linguística no Brasil. **Estudos de Lingüística Galega**, v. 3, p. 51-64, jun. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3056/305626393010.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NEVES, H. **Argumentatividade das palavras: construção de aparato textual-interativo para o estudo do léxico e análise em textos do jornalismo recifense sobre as eleições de 2018**. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

PEREIRA, E. C. **Grammatica expositiva da língua portuguesa**. São Paulo: Weiszlog Irmãos & Co., 1907.

RIBEIRO, J. **Grammatica Portugueza**. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1881.

SAID ALI, M. **Grammatica secundaria da lingua portugueza**. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1924.

SAID ALI, M. Estudos de Linguística – verbos sem sujeito segundo publicações recentes. **Revista Brasileira**. v. 1, p. 1-46 e p. 108-115, jan.-mar., 1895a.

SAID ALI, M. Estudos de Linguística – a accentuação segundo publicações recentes. **Revista Brasileira**. v. 2, p. 301-314, jan.-mar., 1895b.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VIEIRA, F. E. **A gramática tradicional: história crítica**. São Paulo: Parábola, 2018.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português**. Petrópolis: Vozes, 2014.

Recebido em 09/08/2023.

Aprovado em 18/10/2023.